

Conservadorismo verde: ecofascismo e movimento verde de extrema-direita na Alemanha

Tatiana Poggi
Prof. História Contemporânea UFF

Resumo: Essa comunicação versa sobre o papel e a disputa de espaço da extrema-direita dentro da luta ambientalista e do campo de estudos sobre meio-ambiente. Iniciaremos resgatado um histórico desse processo no contexto do entreguerras no seio do conservadorismo europeu, especialmente no interior do romantismo reacionário e do nacionalismo nativista ou étnico. Seguiremos apresentando como esse celeiro original permitiu algumas das primeiras ações de preservação ambiental no segundo império alemão, ganhando robustez no Terceiro Reich e adotando a forma do ecofascismo. Passaremos, então, a olhar para recentes apropriações desse ideário por coletivos de extrema-direita na Alemanha, destacando a disputa de espaço na política ambientalista e como vêm influenciando políticas públicas conservadoras ligadas principalmente à imigração.

Palavras-chave: Ecologia conservadora; Ecologismo de extrema-direita; Ecofascismo.

Conservative green: ecofascism and the green movement in the extreme-right in Germany

Abstract: This presentation verses on the role and the pursuit for political space of the extreme-right within the environmental movement and the field of environmental studies. We begin by recuperating the history of this process in the interwar context in the midst of European conservatism, especially reactionary romanticism and nativist or ethnic nationalism. We proceed presenting how this original setting has allowed for some of the first actions towards environmental preservation during the Second German Empire, acquiring robustness in the Third Reich by adopting the form of ecofascism. Finally we resume to recent appropriations of these ideas by groups of the extreme-right in Germany, emphasising political disputes amongst the environmental movement and ecologists and how far right ecologism and ecofascism have been impacting conservative public policies, especially connected to immigration.

Keywords: Conservative Ecology; Far-Right Ecologism; Ecofascism

Introdução

Essa comunicação versa sobre o papel e a disputa de espaço da extrema-direita dentro da luta ambientalista e do campo de estudos sobre meio-ambiente. Iniciaremos resgatado um histórico desse processo no contexto do entreguerras no seio do conservadorismo europeu, especialmente no interior do romantismo reacionário e do nacionalismo nativista ou étnico. Seguiremos apresentando como esse celeiro original permitiu algumas das primeiras ações de preservação ambiental no segundo império alemão, ganhando robustez no Terceiro Reich e adotando a forma do ecofascismo. Passaremos, então, a olhar para recentes apropriações desse ideário por coletivos de extrema-direita

nos EUA e na Alemanha, destacando a disputa de espaço na política ambientalista e como vêm influenciando políticas públicas conservadoras ligadas principalmente à imigração.

A avassaladora devastação de florestas, o aumento significativo da poluição do ar, bem como de rios, mares, manguezais vêm alterando significativamente o clima do planeta e destruindo ecossistemas inteiros com a extinção de diversas espécies animais e vegetais. O movimento ambientalista contemporâneo veio ganhando espaço a partir de meados dos anos 1970, com a organização de diversos coletivos e organizações não-governamentais de carizes políticos variados em defesa da preservação do meio ambiente. Nesse contexto, marcado pelo acirramento da Guerra Fria e os tensionamentos em torno de ameaças de ataque nuclear, a humanidade foi posta diante de uma ameaça real de extinção, causada pela ação humana. Um desastre que poderia ter impactos desastrosos para todas as formas de vida na Terra, inclusive a nossa. O movimento ambientalista contemporâneo cresceu nesse cenário, muito próximo inclusive a outros movimentos sociais com pautas progressistas e democráticas, críticas em diversos níveis das condições de vida degradantes a que vem sendo submetidas muitas populações do planeta, assolados pela fome, doença, guerra e o parco acesso à água e recursos naturais.

Os questionamentos e as pressões sociais colocadas por essa geração inspiraram o surgimento a partir dos anos 1980 de um campo estudos consolidado e uma militância ecossocialista. Nesse aspecto podemos citar aqui tanto a crítica ao desenvolvimento predatório do Capital, apresentada por John Bellamy Foster, Michael Löwy e Kohei Saito como a crítica à degradação ambiental observada com a industrialização dos países do bloco socialista, expressa pelo ativista Rudolf Bahro em “A alternativa - Crítica ao Socialismo Realmente Existente”. Esse foi também o momento em que foram criadas as primeiras organizações científicas voltadas para análise dos impactos humanos no meio ambiente, a exemplo do Intergovernmental Panel on Climate Change em 1988 (BARRETO, 2018).

Como então podemos entender as recentes expressões de ecologismo e ambientalismo de extrema-direita? Certamente essa corrente ultraconservadora do movimento guarda muito pouca conexão com essa tradição pacifista e social da Guerra Fria.

Em seu nascedouro, ainda no XIX, as políticas ecológicas e os estudos em torno da preservação do meio ambiente já é possível perceber uma disputa política em torno das questões ambientais, destacando-se uma abordagem dentro do campo socialista, a partir dos escritos do poeta, romancista e desenhista inglês William Morris, e outra nitidamente conservadora, nascida do romantismo reacionário e do nacionalismo nativista germânico, duas tradições embrionariamente anti-modernas e anti-iluministas.

É com essa tradição que se conecta o ecofascismo e as variadas correntes do ecologismo de extrema-direita. É a partir dela que se desenvolve o ecofascismo no Terceiro Reich bem como as correntes neomalthusianas e o neodarwinismo social (BRAMWELL 1985 BASIN 2005). Todo um campo de ideias conservadoras, excludentes, discriminatórias e até eliminacionistas que cresce orientado por essas filosofias românticas e nacionalistas, frutos do chauvinismo e do pessimismo do *fin-de-siècle* e que reverberam até hoje, ainda que ressignificadas. Os impactos dessa concepção são concretos e visíveis em nossos dias na naturalização e larga aceitação no Ocidente de políticas abertamente discriminatórias contra imigrantes do Sul global, mas também contra minorias internas, nada mais que estrangeiros de outros tempos. São eles os invasores, os *aliens*, que teimam em querer se infiltrar em terras alheias, perturbar a ordem e subverter a cultura local e ainda demandar “privilégios” em uma terra que não é sua. É contra eles que se insurge a sana fascista e de outros grupos de extrema-direita. Sua justificativa para a perseguição desses novos e velhos “forasteiros” se assentará na cultura (heritage), na história e mais profundamente na terra, na conexão original com a terra e seu direito natural sobre ela e tudo que nela se constrói.

A face sombria do fin-de-siècle: romantismo reacionário e nacionalismo völkisch

A passagem do século XIX para o XX é popularmente caracterizada pela lente brilhante e boêmia da Belle Époque, uma narrativa sobre o progresso e a modernidade tipicamente liberal, vitoriosa em apresentar sua dominação como êxitos e conquistas universais. O império da razão, os tubarões da indústria, invenções que abrem alas ao progresso e mesmo a “aventura” imperialista que supostamente levaria civilização, cultura e luz aos cantos mais sombrios, oferecendo um caminho de progresso aos povos primitivos, tudo esse imaginário cuidadosamente construído por liberais europeus ofuscou não por muito tempo não apenas à luta dos trabalhadores e o avanço do movimento socialista, mas também a revolta conservadora que se avolumava no caldeirão de mundo em ruínas.

O clima intelectual, moral e cultural do fim XIX foi também marcado por um intenso pessimismo e um sentimento de decadência social e cultural por parte de setores conservadores e anti-liberais, insatisfeitos com os rumos do dito progresso liberal burguês. Por toda a Europa, mas particularmente na Alemanha, começam a se organizar em círculos artísticos e intelectuais um conjunto de pensadores, filósofos e artistas críticos da modernidade. Avessos ao avanço do materialismo e da racionalidade fria, do individualismo e do atomismo social, de filosofias universalistas, da urbanização e do cosmopolitismo esse pensadores viam o progresso e a cultura

liberal com desdém, desprezo e muito pesar. A sociedade industrial teria aniquilado o espaço da honra, do heroísmo, glória e da conquista, toda uma cultura da guerra como expressão da força masculina, da força de uma casa nobre reduzida a mera rapina e negociatas. O avanço da urbanização no sentido da construção de grandes urbes cosmopolitas estaria a sufocar a cultura local (*Volkisch*), comprometendo os laços comunitários, o espaço do subjetivismo, das emoções e do espírito e alma do povo (*Volksgeist*). A mediocridade da cultura burguesa que em seu materialismo só almeja o lucro, a pobreza de sua racionalidade utilitarista e instrumental e a sana universalista estariam levando a Europa e todo o Ocidente à um cenário de decadência cultural, moral e étnica. Em nome da liberdade, da racionalidade e da igualdade os povos europeus perdiam sua herança, sua singularidade e mesmo sua terra para minorias enriquecidas (judeus) e estrangeiros que chegavam de todos os cantos, vindos das mais longínquas e estranhas partes dos impérios. Ainda que frequentemente hostilizados e exotizados no coração dos grandes impérios, lá estavam eles presentes nas grandes cidades, construindo a tal cultura cosmopolita e universal das luzes.

A revolta conservadora crescia em meio à difusão de teorias eugenistas e do racismo científico de Arthur de Gobineau, do darwinismo social de Herbert Spencer, do pessimismo de Oswald Spengler, de uma estética wagneriana, da psicologia etnocêntrica de Gustave Le Bon, do chauvinismo de Maurice Barrès e Charles Maurras, da teoria das elites, enfim, havia todo um meio intelectual atravessado pelo conservadorismo e pela xenofobia que deu sustentação e legitimidade às pautas políticas da reação conservadora.

Na Alemanha essas concepções se alinharam ainda com a defesa de saídas autoritárias, e com uma glorificação da violência, apostando em medidas de força, justificadas não raro por filosofias místicas que agregavam um conteúdo transcendental à relação intrinsecamente sanguínea entre povo e terra, *Blut und Boden*. Esses intelectuais entendiam a nação como um organismo vivo, no qual um povo está conectado a um território, uma terra, e essa terra tem história, gerações, costumes, *habitus*. Nota-se, assim, um sentimento de pertencimento construído sobre uma comunidade de sangue, que inspirará um nacionalismo de corte étnico e fundamentalmente xenófobo. Historiadores como Spengler e Moeller van den Bruck, o jurista Carl Schmitt, o sociólogo Werner Sombart, economista Othmar Spann, filósofos de renome como Heidegger, Ernst Jünger e Max Scheler estavam longe de serem intelectuais marginais e suas ideias encontravam franco apoio em meio a cidadãos respeitáveis.

A batalha alemã contra a modernidade só se fortaleceu durante a a República de Weimar “diante do pano de fundo da derrota militar, de revoluções fracassadas, da contra-revolução bem sucedida, de um esquerda dividida, de uma direita amargurada e ressentida e do famoso iliberalismo

alemão, que não podia resistir aos desafios do extremismo político” (HERFF, 1993 p.32). A “revolução conservadora” como ficou conhecida rejeitava veementemente a República de Weimar, identificando nela a derrota na guerra, as esmagadoras imposições de Versalhes, a má condução da crise econômica que assolava a nação, uma postura fraca e leniente para com os judeus, forasteiros e elementos libertinos. Toda cultura liberal e cosmopolita, o frisson dos eletrizantes anos 1920, tudo isso comprometia a força e unidade da nação, sendo fundamental um esforço de retorno às raízes, de reconexão com o campo e com a natureza, de resgate das tradições e do ideal de vida simples, saudável e frugal.

O pessimismo e inconformismo intelectual foram gradualmente passando à articulação política demandando ações mais enérgicas do governo em favor da nação. Uma das iniciativas mais conhecidas nesse sentido foi a *Kampfbund für Deutsche Kultur*, uma poderosa organização cultural criada ainda em Weimar que funcionou como o mais importante veículo de difusão do nacionalismo *völkisch*, engajando artistas e intelectuais no movimento nazista e pavimentando o caminho para fascistização dos setores mais educados e aculturados da sociedade. A aproximação de Alfred Rosenberg sinaliza já em 1929 um alinhamento claro da organização com o Nacional Socialismo, se tornando com a tomada do poder em 1933 o principal espaço de mobilização cultural e artística do movimento nazista (STEINWEISS, 1991).

O nascimento do Ecofascismo

Podemos dizer que a ala verde do NSPDAP se organiza a partir de preocupações autênticas do movimento fascista com os problemas ambientais, partindo, tal como o nacionalismo *völkisch*, do princípio da relação embrionária da terra/solo com o povo (*das Volk*). Para florescer, se desenvolver e prosperar um povo necessita de uma terra, com a qual construirá laços de dependência e sentidos de pertencimento profundos. Do solo vêm não só alimento para o corpo físico, o sustento do lar e da família, mas também o alimento do espírito, os laços comunitários, a cultura e a língua, toda uma rede particular de sociabilidade. Da terra emerge toda a vida social, ela é anterior, exerce primazia, portanto, sobre o próprio povo. Estrangeiros, por não pertencerem àquela terra, nunca poderão integrar o povo/*das Volk*.

É no contexto do romantismo conservador que se forjam os primeiros traços de uma ecologia marcada pela peculiar síntese entre naturalismo e nacionalismo nos estudos de Ernst Moritz Arndt (1815) e Wilhelm Heinrich Riehl (1853). Arndt, conhecido por suas contribuições no debate sobre nacionalismo foi um ávido defensor dos camponeses, preocupando-se com a conservação da terra das florestas. Suas críticas ferozes ao desmamamento e ao uso abusivo do solo,

bem como sua visão holística entre homem e natureza tornaram-no, segundo historiadores, um pioneiro da ecologia moderna. Tais bandeiras, contudo, estavam claramente mergulhadas no nacionalismo xenófobo e a defesa da preservação passava pela lógica sangue/solo em favor do povo alemão, seu bem-estar, seu sustento e seu desenvolvimento (STAUDENMAIER 1996). Riehl, pupilo de Arndt, aprofundou mais ainda esse pensamento, ganhando notoriedade por suas abordagens ligadas ao romantismo agrário e ao anti-urbanismo. Em Campo de Floresta 1853, ele clamava pela luta em favor dos direitos das matas (wilderness) e da vastidão natural contra o avanço da urbanização e industrialização. “Devemos salvar a floresta, não apenas para que nossos fogões não fiquem frios no inverno, mas também para que o pulso da vida do povo continue a bater caloroso e alegre, para que a Alemanha permaneça alemã” (RIEHL 1857 Apud STAUDENMAIER 1996 p.6).

É ainda um alemão conservador, o zoólogo Ernst Haeckel, quem cria o conceito de ecologia em 1867, estabelecendo os parâmetros de uma disciplina científica dedicada ao estudo das interações entre os organismo e o meio ambiente. Sua abordagem da ecologia estava também em sintonia com as filosofias conservadoras do romantismo, sendo atravessada pelo darwinismo social, a eugenia e racismo científico. Haeckel foi assim o principal propagador de uma visão holística de ecologia articulada com o nacionalismo *völkisch* e teorias eugênicas, fundando uma ecologia de extrema-direita, abertamente xenófoba e racista, assentada na superioridade nórdica e avessa à qualquer miscigenação sob o risco de degeneração (STAUDENMAIER 1996 p. 7-8).

Avançando para a República de Weimar, vale mencionar a experiência do movimento *Wandervögel*, um coletivo cultural juvenil, inspirado por uma mistura eclética de ideais românticos, filosofias orientais, misticismo naturalista e fortes impulsos comunais. O *Wandervögel* pode ser vulgarmente lido como hippies de direita e tinham como suporte intelectual mais próximo o filósofo e psicólogo Ludwig Klages, um professor da Universidade de Munich que teve um papel fundamental na construção da consciência ecológica do grupo. Em 1913 ele produz um artigo mordaz sob o título de “O homem e a terra” que se destacou por sua postura radicalmente ecopacifista, mas igualmente por constituir um clássico exemplo de ecologia reacionária. Klages condenava e percebia muito precocemente a extinção acelerada de espécies, a perturbação no equilíbrio de ecossistemas globais, impacto devastador do desmatamento e da destruição de povos aborígenes e habitat selvagens. Todos esses processos seriam fruto do fortalecimento da racionalidade instrumental que levaria invariavelmente a um processo crescente de alienação dos homens da natureza. Sua solução é idealista, constantemente recorrendo à recuperação do espírito (*das Geist*) contra a razão. Mesmo a sua crítica ao avanço do capitalismo não percebe seu caráter

predatório da natureza e do trabalho humano, imputando tudo à uma racionalidade abstrata, despolitizada, eterna e natural. Se uma relação saudável com a natureza não passa pela razão, resta apenas o espírito e as emoções, opções perigosas que podem facilmente resvalar em autoritarismo.

Os nazistas se aproximam desses coletivos conservadores e tendo sucesso fascistizando alguns deles e mobilizando parte significativa de seus membros. No poder, o partido nazista incorporou muitos desses grande nomes do romantismo conservador. Heidegger se torna um destacado ativista do movimento e do partido fascista. Carl Schmitt ficou conhecido como o jurista de Hitler. Alfred Rosenberg torna-se o ideológico mais proeminente do partido. O biólogo alemão Walter Schoenichen, que no passado ocupara cargo de secretário de preservação da natureza na Prússia, filia-se em 1932 ao NSDAP, assumindo o cargo de diretor do Departamento de Conservação em 1942. Autêntico conservador romântico, adepto do nacionalismo *völkisch*, engajado em discussões sobre proteção da natureza desde o império prussiano, Schoenichen ajuda a pavimentar o caminho para o ecofascismo. À frente do Departamento de Conservação ele afirma:

“Proteção da natureza e Nacional Socialismo testão forte porque o Führer quer uma nova comunidade alemã (Volksgemeinschaft), cuja fundação vem do sangue e do solo, ou seja, de forças primordiais e do espírito que é próprio da nossa raça e da ligação natural que subsiste entre nós e a relva da pátria/terra mãe.” (LUBARDA)

O Ecofascismo se desenvolve na Alemanha nazista, buscando restaurar a saúde do povo e da terra alemã. Integra o projeto de regeneração da nação após a vitória sobre forças sociais desagregadoras, a exemplo dos partidos políticos, coletivos liberais, sindicais e socialistas. Na ala verde do NSDAP vale destacar o nome do professor botânica Ernst Lehmann, que caracterizava o nacional socialismo como biologia politicamente aplicada. Em seu trecho abaixo podemos ver a perspectiva holística sobre relação homem-natureza, bem como a ratificação do princípio sangue/solo, explicitada por seus antecessores românticos.

“Reconhecemos que separar a humanidade da natureza, de toda a vida, leva à destruição de toda a humanidade e à morte das nações. Apenas pela reintegração da humanidade com a totalidade da natureza pode nosso povo permanecer forte. Essa luta em direção à conexão com a totalidade da vida, com a própria natureza, uma natureza na qual nós nascemos, essa é o mais profundo significado e a verdadeira essência do pensamento nacional socialista” (LEHMANN, 1934 Apud STAUDENMAIER 1996 p. 5)

Outra figura de destaque é Richard Walther Darré, um dos principais ideólogos da filosofia *Blut und Boden* no Terceiro Reich, Darré foi ministro da alimentação e agricultura, criando o

programa de colônias agrícolas geridas pelo Estado e idealizando o projeto Raça e Território (*Lebensraum*) visando o desenvolvimento e expansão dos arianos para o Reich de mil anos.

No Terceiro Reich são aprovadas diversas leis de proteção ambiental e cuidado com a natureza. São elas: o ato de Proteção à natureza de 1935; a lei proteção de plantas e animais de 1936; a lei proteção à Mãe-terra de 1939. Essas leis de proteção cumpririam uma função sócio-econômica de autarquia e autosustento e ajudariam também a preservar o espírito do povo de influências estrangeiras corrosivas. Tal qual o romantismo conservador, essas influências são identificadas com a modernidade e a tradição iluminista, especialmente o liberalismo, o materialismo, o marxismo, a democracia e o racionalismo, todos vistos como forças políticas externas, ideologias judaicas, que ao chegarem à Alemanha acabam por desenraizar o povo alemão degenerando-o em diversos níveis (ZIMMERMAN 2004). A partir dessa concepção, os propagadores dessas ideologias são tomados como ameaça, devendo ser expulsos da nação.

No ecofascismo a preocupação com meio ambiente está comumente associada à preocupação com a vitalidade, com a saúde e o bem-estar humano. Os ambientalistas conservadores alemães criticam industrialização moderna por devastar a natureza e por destruir o vigor humano, aprisionando os trabalhadores à máquinas como engrenagens e à cidades poluídas que igualmente comprazeriam o potencial humano. Assim, as discussões em torno da preservação ambiental aparecem no ecofascismo sempre ligadas à discussão sobre eugenia¹, degeneração racial e destruição/degradação do solo da pátria. A permanência ou aceitação de raças inferiores levaria invariavelmente à degeneração e destruição nacional. Os nazistas tem, portanto, um relativo sucesso ao combinar as teorias de melhoramento racial (eugenia), com uma política de limpeza étnica e uma tradição ecológica conservadora para dar um contorno verde à teoria do *Blut und Boden* (ZIMMERMAN 2004).

Ecofascismo hoje

Segundo Lubarda, ecofascismo talvez não seja um conceito suficiente para tratarmos das pautas ambientalistas da direita, justamente por esse discurso ambientalista perpassa o campo do conservadorismo para além do fascismo. Há ambientalistas liberais que entendem que a importância da preservação da natureza e defendem que a iniciativa privada tome a frente nessa luta. Na ótica do

¹ Eugenia nasce na Inglaterra através do estudos sobre melhoramento racial do antropólogo Francis Galton, mas se populariza nos EUA, através de figuras como Charles Davenport e Madison Grant. Nos EUA a eugenia floresce financiada por empresários milionários como John Rockefeller, Harriman, Carnegie. Em 1909 é criado o Eugenics Record Office, órgão que pressiona durante décadas para adoção de leis de controle à imigração.

liberalismo a preservação ambiental se torna um mercado a ser disputado pela incitativa privada, uma oportunidade de investimento e diversificação econômica.

Há ainda todo um campo da extrema-direita que também vem se debruçando sobre a questão ambiental, mas orientado por outros parâmetros como a ideia da ligação intrínseca povo e terra (*Blut und Boden*) que remete ao romantismo conservador. Nesse campo encontram-se todo tipo de extremistas de direita, como segregacionistas, populistas de direita, fundamentalistas religiosos, ultra-nacionalistas e fascistas. Seria mais adequado, portanto, falar de Ecologismo de Extrema-Direita, nacionalismo verde ou até ambientalismo branco (OLSEN 1999. JAHN e VEHLING 1980. GEDEN 1996. BRUGGEMEIER 2005. BLACKBOURN 2006. ARMIERO 2014. LUBARDA 2017. BHATIA 2004).

Ambientalistas como Garrett Hardin e Baird Callicott entendem o crescimento e popularização das pautas ambientalistas de extrema-direita a partir da ética do bote salva-vidas. Em vista do cenário catastrófico de degradação ambiental e intensa disputa por recursos escassos, William Ophuls e Robert Heilbroner podem recorrer a regimes autoritários, envolvendo doses de devoção e sacrifício. A idade do ouro do individualismo, da liberdade e da democracia estaria chegando ao fim. Diante da emergência ecológica, as opções pela tirania podem preponderar mesmo sobre a salvaguarda da inabalável da propriedade privada. Políticas de assédio, tortura, deportação e medidas de força para garantir que pessoas/empresas cumpram regulações podem ser adotadas. É nesse cenário catastrófico e desesperador, dominado pela busca de auto-preservação que emergem as pautas ecológicas da extrema-direita, integrando uma a preservação ambiental à preservação de uma comunidade étnica particular, à expensa da mesma da vida de todos àqueles que por ventura não se encaixem no padrão social almejado (ZIEMMERMAN 2004).

O Ecologismo de Extrema-Direita oferece um imaginário social distinto, uma utopia étnico-racial diante da devastação ambiental, da decadência do Ocidente e dos desafios na preservação de uma herança europeia. Na concepção do Ecologismo de Extrema-Direita, tal qual os ambientalistas românticos e nacionalistas, a degradação ambiental é um sintoma do déficit espiritual trazido pela moderna ideologia do progresso. Eles procuram articular a ideia da natureza como tesouro nacional pertencente a um povo original, nativo, mobilizando a população nativa local para reclamar o direito exclusivo sobre a natureza através de parâmetros raciais, paisagísticos, históricos e regionalistas (ARMIERO 2014).

Como temos visto desde o XIX, há toda uma discussão sobre nacionalismo, soberania, autarquia e exclusivismo étnico que é articulada a partir da relação com a natureza a partir de uma perspectiva holística de integração do homem com a natureza.

A abordagem holística não é necessariamente exclusiva da extrema-direita, configurando-se como uma ideia central no pensamento verde (FREDEEN 1996). Está ligada à interdependência e harmonia de todas as formas de vida, defendendo um funcionamento orgânico, interdependente e equilibrado entre as formas de vida como pré-requisito para viabilidade e florescimento da vida, que inclui naturalmente os seres humanos.

Contudo, dada a defesa do exclusivismo étnico contido nessa posição política, temos determinações explícitas sobre qual povo e qual terra, entendendo os parâmetros étnicos devem preponderar sobre parâmetros humanos na relação com o meio natural e social. É construído inclusive um nexos espiritualista e organicista que fortalecem a noção de raiz de um povo, uma unidade indivisível entre todas as criaturas viventes e o ambiente onde vivem (Sangue e Solo). Esses elementos herdeiros do nacionalismo *völkisch* estariam íntima e espiritualmente ligados à uma paisagem, a um meio ambiente particular, uma terra (BIEHL 1995. p.34 OLSEN 2000 p.75). Isso sedimenta a ideia do social-naturalismo, no qual determinadas culturas e grupos humanos estão enraizados em determinadas paisagens.

Como nos lembra Forchtner e Kolvraa (2015) esse nacionalismo étnico (*jus sanguinis*) carrega dimensões estéticas, simbólicas e materiais. Há uma preocupação com a preservação do belo, do que considerado belo, típico ou atributo nacional, uma *ethnoscape/etnopaisagem*, conforme explicita Smith (2009). Há uma forte valorização da beleza natural, rural, característicos do universo tribal e que compõem também a ideia de herança cultural/heritage. Isso se soma à uma demanda sobre o direito ou privilégio exclusivo dos nacionais de aproveitar seu interior, sua paisagem, mas fundamentalmente um direito exclusivo sobre a terra, no sentido de soberania política e material, ou seja, direito exclusivo sobre os recursos da terra.

Além disso, a autarquia alude à responsabilidade de um determinado povo com a preservação do meio ambiente, uma vez que este determinado povo é dependente de uma determinada terra por tirar seu sustento daquele solo. Isso reforça o laço entre homem e a terra, em oposição às formas de vida nomádicas, não civilizadas ou cosmopolitas. Comumente associada à superioridade da produção campesina, a autarquia é percebida pelos ecologistas de extrema-direita como caminho para a revitalização da economia e do orgulho nacional. Conservadores românticos, nacionalistas *völkisch* desde XVIII vêm enfatizando a auto-suficiência, as virtudes do mundo rural e do naturalismo em oposição à industrialização, ao avanço da avassaladora urbanização e à suposta decadência cultural consequente desse processo, reforçando a relação profunda entre *Blut und Boden* a partir de uma narrativa nostálgica e espiritual de retorno à pátria sagrada, a um passado idílico quando natureza era ainda intocada pela modernidade.

Conhecidos autores da extrema-direita contemporânea como Roger Scruton e Alain de Benoist defendem o nacionalismo e ambientalismo étnico, deixando bem explícita a ligação entre sangue e terra. Scruton fala em Oikophilia, o amor pelo habitat, pelo povo e pelo meio natural onde se constrói o lar do povo, uma herança viva que deve ser preservada (SCRUTON 2012 p.227). Benoist segue numa linha parecida, indicando que algumas culturas pertencem a determinados habitat, têm autoridade sobre aquele ambiente e responsabilidade de preservá-lo, enquanto outras são consideradas *aliens* daquele habitat e portanto incompetentes na preservação daquele ambiente (BENOIST 1980).

A extrema-direita usa essa lógica social naturalista para fundamentar o cultivo de uma cultura do ódio e para a defender políticas de exclusão social de caráter xenófobo ou religioso, como deportações, a recusa de pedidos de asilo político, cotas de imigração, perseguição de indivíduos que se assemelhem fenotipicamente à grupos estrangeiros ou indesejados (Atos patrióticos, EUA).

Na Alemanha existem hoje diversos grupos ambientalistas de extrema-direita, alguns coletivos nacionalistas adotam posições mais ambíguas, mas olhados de perto, percebemos um alinhamento político bem conservador. É o caso dos Revolucionários Nacionais, uma organização de terceira via criada nos anos 1970 e que defende bandeiras ecológicas, como a luta antinuclear e um estilo de vida natural, além de movimentos de libertação nacional. Aparentemente progressiva, os NR defendem a terra via, uma tenda bastante popular para definir o fascismo, sua liderança mais proeminente, Eichberg, clama pelo resgate à identidade nacional e libertação nacional. Os NR tem ainda uma ala explicitamente strasserista, conhecida como Solidaristen (STAUDENMAIER e BIEHL 1996). Após a década de 1970, parte deles integrou o Partido Verde na Alemanha.

Outros são abertamente fascistas como *Nationaldemokratische Partei Deutschlands* (NPD 1964), *Freiheitliche Deutsche Arbeiterpartei* (FAP), os Republicanos (1983), *Deutsche Volksunion* (DVU)

O mais antigo dos partidos ecofascistas na Alemanha é o Partido Nacional Democrático da Alemanha (NPD *Nationaldemokratische Partei Deutschlands*) foi fundado em 1964 por antigos ativistas nazistas, trazendo uma pauta ecofascista bem explícita ao entender que a degradação do meio ambiente compromete a saúde do povo. Seu manifesto ecológico, lançado em 1973 indica leis da natureza para justificar uma ordem social orgânica e fortemente hierarquizada para fazer frente à degradação humana em desequilíbrio com a natureza. Em seu programa, atualizado em 1988, esse processo é entendido como parte da consciência nacional popular, claramente étnico centrada.

“Consciência Volk e consciência ambiental são inseparáveis”, uma vez que “milhões de estranhos” ameaçam “nosso povo/Volk em sua existência” (STAUDENMAIER e BIEHL 1996).

O Partido dos Trabalhadores Alemães Livres (FAP *Freiheitliche Deutsche Arbeiterpartei*) também é explícito em sua proposta de ecofascismo, defendendo abertamente o nacional socialismo, apoiando ideologia nazista, celebrando a raça e a nação. Sua base é formada por jovens skinheads e torcidas de futebol, estado frequentemente envolvidos em atos de violência contra população imigrante. Defendem uma Alemanha para os alemães, o que fica claro em diversos de seus slogans “Empregos alemães para trabalhadores alemães”, “Fora estrangeiros”, “Repatriação de estrangeiros”, “sem franchise para estrangeiros”. Dentro das correntes do fascismo alemão esse grupo está mais alinhado à antiga ala hitlerista que Strasser. O FAP é o braço parlamentar de um movimento maior, *Die Bewegung*, que busca restabelecer o NSDAP, unificando diversos grupos fascistas na Alemanha (STAUDENMAIER e BIEHL 1996).

Os Republicanos é um partido político fundado pelo antigo membro da Waffen-SS Franz Schönhuber em 1983, defendendo abertamente a preservação da existência do povo alemão, sua saúde e espaço vital. Isso deveria ser adorado como política doméstica prioritária e segundo Schönhuber auxiliaria na preservação ambiental (STAUDENMAIER e BIEHL 1996).

Fora da Alemanha podemos mencionar o Greenline Front (UKA) e o JOBBIK (HUN) que recuperam o nacionalismo *völkisch* como base para a defesa de pautas ambientais com recorte étnico. O programa ambiental do Jobbik fala em fortalecer os papel das comunidades que vivem em harmonia com seus arredores/ambiente para que sejam mais autosuficientes em termos alimentícios, energéticos, ricks material e espiritualmente. : “In Harmony with Nature” ...strengthening the role of communities that are living in harmony with their surroundings, that are more and more self-sufficient in terms of energy and food, and that are strong, and rich, both materially and spiritually. (Jobbik, 2010: 23, in Kyriazi, 2019: 7).

O Greenline Front advice dieta vegana como caminho alternativo à indústria animal que vem destruindo o planeta e promovendo o sofrimento animal. Essa dieta seria ainda entendida como uma forma de purificação e ascensão espiritual (Greenline Front Blog 2019).

Lideranças como Matteo Salvini do italiano Lega Nord (Italiambiente, 2018) ou notório Freiheits Partei Österreich (FPO) (FPO - Party programs 2011) também adotam pautas ecofascistas de preservação ambiental para um povo original, bem afinados com os princípios sangue/solo.

O ecofascismo promete restaurar dignidade, nobreza, propósito e privilégios determinados povos ou raças, cujos membros sentem que sua unidade social, étnica, espiritual espacial - sua terra natal - estão sendo ameaçadas por influências externas, raças alienígenas ou ideias estrangeiras. O

ecofascismo e ecologismo de extrema-direita exploram continuamente cenários catastrofistas a partir de filosofias neomalthusianas e darwinistas sociais para defendendo agendas ultraconservadoras, etnocentradas e xenófobas.

Bibliografia:

BARRETO, Eduardo Sá. O Capital na Estufa: para a crítica da economia política das mudanças climáticas. Rio de Janeiro: Consequencia, 2018.

BAHTIA, R. 2004. 'Green or Brown? White Nativist Environmental Movements', in A. Ferber, (Ed.) Home-Grown Hate: Gender and Organized Racism. Oxon: Routledge, 2004: 194-213.

BENOIST, Alain de. Le droit à la différence. Pour en finir avec tous les totalitarismes', 1980.

BRAMWELL, Anna. Blood and Soil: Walther Darré and Hitler's 'Green Party'. Bourne End, 1985.

Greenline Front Blog. Published <http://greenlinefront.blogspot.com/> Acessado 11/04/2019

HERFF, Jeffrey. O Modernismo Reacionário: Tecnologia, Cultura e Política na República de Weimar no 3ª Reich. Campinas: EdUnicamp, 1993.

HEILBRONER, Robert. An Inquiry into the Human Prospect. New York: W.W. Norton, 1974.

Italia Ambiente. 2018. Pontida: nel discorso di Salvini entrano (troppo poco) l'ambiente e gli animali [Pontida: Salvini's discourse enters (too little) the environment and animals]. Publicação online <https://www.italiaambiente.it/2018/07/01/pontida-nel-discorso-di-salvinientrano-troppo-poco-lambiente-e-gli-animali/> Acessado 09/03/2019

Kyriazi, A. The environmental communication of Jobbik: Between strategy and ideology. In B. Forthner (ed.) The Far Right and the Environment: Politics, Discourse, Communication. Oxon: Routledge, 2019.

LÖWY, Michael. O que é o Ecosocialismo? São Paulo: Cortez, 2014.

LÖWY, Michael. Ecosocialism : a radical alternative to capitalist catastrophe. Chicago: Haymarket Books, 2015.

LUBARDA, Balsa. Beyond eco-fascism? Far Right Ecologism (FRE) as a framework for future inquiries.

Olsen, J. Nature and Nationalism: Right-Wing Ecology and the Politics of Identity in Contemporary Germany. New York: Palgrave Macmillan, 1999.

SAITO, Kohei. Karl Marx's ecosocialism : capitalism, nature, and the unfinished critique of political economy. New York: Monthly Review Press, 2017.

SCRUTON, Roger. Green Philosophy: How To Think Seriously About The Planet. London: Atlantic Books, 2012.

SCRUTON, Roger. Conservatism and the Environment. 2013. Publicação online <https://www.roger-scruton.com/articles/281-conservatism-and-the-environment> Acessado 09/02/2019.

STAUDENMAIER, Peter e BIEHL, Janet. Ecofascism: lesson from the German Experience. Edinburgh: AK Press, 1996

STEINWEISS, Alan. Weimar Culture and the rise of National Socialism: The Kampfhubd for Deutsche Kultur. Central European History. Vol.24. N.4, 1991.

STERNHELL, Zeev. Fascist Ideology. In. LAQUEUR, Walter (ed.). Fascism: A Reader's Guide. Analyses, Interpretations, Bibliography. Beckeley/Los Angeles: University of California Press, 1976.

FOSTER, John Bellamy. Marx's ecology: materialism and nature. New York: Monthly Review Press, 2000.

ZIMMERMAN, Michael. Ecofascism - an enduring temptation. In: ZIMMERMAN et all. Environmental Philosophy: From Animal Rights to Radical Ecology. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2004.